

ESPAÇO VIRTUAL DA FEIRA LIVRE: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA ERRÂNCIAS AUDIOVISUAIS

STREET MARKETS' VIRTUAL SPACE: METHODOLOGICAL PERSPECTIVES FOR AUDIOVISUAL WANDERINGS

BARBOSA, NATHALIA¹; SANTOS, WILLYAM²; RIBEIRO, ANA LUÍSA³; SANTOS, LAÍS⁴; DIAS, JULIANA⁵.

¹Mestranda em Design, Universidade de Brasília; barbosa.nathalia@aluno.unb.br;

²Graduando em Design, Universidade Federal de Alagoas; willyam.santos@fau.ufal.br;

³Graduanda em Design, Universidade Federal de Alagoas; ana.ribeiro@fau.ufal.br;

⁴Graduanda em Design, Universidade Federal de Alagoas; laís.santos@fau.ufal.br;

⁵Doutora em Planejamento Urbano e Regional, Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas; juliana.dias@fau.ufal.br.

RESUMO

Parte de uma pesquisa desenvolvida a quatro anos pelo Grupo de Pesquisa Nordesteanças, na qual as errâncias nos espaços de feira e os depoimentos de feirantes se colocaram como principais ferramentas metodológicas, a discussão apresentada neste artigo surge das adaptações provocadas pela pandemia e suas restrições, principalmente as dificuldades de aproximação imediata com os territórios de feira. O artigo analisa uma seleção de registros realizados por mídias pequenas ou independentes em feiras livres no estado de Alagoas durante o período da pandemia do Covid-19. Um dos intuitos principais foi o de pensar as camadas desses registros que possibilitam vivenciar os espaços de maneira virtual. Tendo como base o registro audiovisual disposto principalmente através de plataformas online, experimentamos aproximações com tais produções enquanto ferramentas metodológicas para vislumbrar os territórios e seus fazedores. Assim, a partir de uma aproximação netnográfica e posteriormente uma imersão analítico-interpretativa no conjunto de vídeos amadores, foi possível analisar alguns dos impactos da pandemia no espaço da feira e em seus atores sociais, fregueses e feirantes, entendendo novos modos de existir da feira e de suas corpografias. Além disso, foi possível identificar a importância dessa ocupação virtual, realizada pelos próprios feirantes e frequentadores, como uma forma de resistência dos mesmos. Com o material coletado, o grupo desenvolveu o site O Permeio para reunir e apresentar as questões descobertas, repercutindo dentro do grupo a necessidade de discutir questões pertinentes à utilização das novas tecnologias como aporte para uma ampliação da visibilidade da cultura popular.

Palavras-chave: feira livre; netnografia, design, cultura.

ABSTRACT

Part of a research that has been carried out for four years by the Research Group Nordesteanças, in which the wanderings in the street markets and the testimonials of stallholders were the main methodological tools, the discussion presented in this article arises from the adaptations caused by the pandemic and its restrictions, mainly the difficulties of immediate approximation with the studied territories. The article analyzes a selection of records made by small or independent media at street markets in the state of Alagoas during the period of the Covid-19 pandemic. One of the main purposes was to think about the layers of these records that make it possible to experience the spaces in a virtual way. Based on the audiovisual record available mainly through online platforms, we experimented with such productions as methodological tools to glimpse the territories and their creators. Thus, from a netnographic approach and later an analytical-interpretative immersion of a set of amateur videos, it was possible to analyze some of the impacts of the pandemic on the fair space and on its social actors, customers and merchants, understanding new ways of existing at the fair and their corpographies. In addition, it was possible to identify the importance of this virtual occupation, carried out by the stallholders and regulars themselves. With the material collected, the group developed the website O Permeio to gather and present the issues discovered, reflecting within the group the need to discuss issues pertaining to the use of new technologies as a contribution to expanding the visibility of popular culture.

Key-words: street market, netnography, design, culture.

INTRODUÇÃO

Tão presente no cotidiano das cidades brasileiras, a feira popular chega ao país no final do século XVII através do processo colonial português. Inicialmente baseada no latifúndio e no escravismo, a feira passou por inúmeras transformações, ao passo que recebia e criava outros agentes sociais. Ao transpassar o fluxo acelerado da cidade contemporânea, a feira resiste como ocupação popular, dinâmica e viva frente à constante negação da rua como lugar da permanência, da pluralidade, do encontro e da diversidade urbana.

No entanto, a atividade e seus trabalhadores sobrevivem na contramão da falta de regulamentação do ofício, das tentativas de desmonte e da ideia de rua enquanto lugar de passagem – da não-permanência. Dessa forma, podemos compreender como o ofício do feirante ajuda a caracterizar a constituição da sociedade brasileira dentro do ambiente urbano, uma vez que era a partir dele que uma parcela grande e importante da nossa sociedade alcançava um *status* mínimo social e econômico: o brasileiro médio – nem escravizado, nem aristocrata – vivendo das oportunidades. Então, como pensar essas oportunidades quando seu principal meio possibilitador é afetado? Tendo que enfrentar, por muitas vezes, acusações de ser antiquada frente à modernização do varejo alimentar e de atrapalhar o fluxo urbano, as territorialidades das feiras livres também sofreram de modo muito potente os estigmas trazidos pela pandemia da Covid-19.

Nesse sentido, a pandemia, por um conjunto de fatores, resultou, à nossa sociedade, uma instabilidade social e econômica significativa. Isso fez com que toda a população fosse obrigada a pensar em novas formas de viver, entendendo o cenário que estava se formando e como as ações iriam ocorrer, especialmente, em relação aos feirantes e fregueses da feira livre, uma vez que, a partir dos impactos da doença, aglomerações, multidões e toques não eram mais bem-vindos. A partir disso, no processo de compreensão de como seus universos seriam afetados diante desse novo cenário, urge a necessidade de pensar uma nova forma de acessar a feira¹.

Dessa maneira, é no cotidiano que se verificam as interações que existem entre os campos materiais e imateriais da cidade e, nesse caso, da feira. Por isso, é exatamente na observação da experiência do comum, do ordinário, do casual que é possível observar a feira livre. Esta pode ser um meio de sustento, uma memória, um espaço para encontrar amigos, independente do motivo, segue sendo representativa da cultura popular, permeada de histórias, tradições familiares e identificações. Ali, as relações de trabalho se misturam às relações familiares, de amizade e de vizinhança (SATO, 2007). É a necessidade que faz seus praticantes reinterpretar as atribuições e ocupações na

¹Para um aprofundamento analítico de alguns aspectos que impactaram as feiras livres alagoanas durante o período da pandemia ver DIAS *et al* (2021).

cidade e propor usos não previstos para a dinâmica do espaço urbano, reinventando continuamente a existência para, assim, se adaptar e se manter apesar dos mecanismos de opressão.

Portanto, entendemos que é somente nas diferentes ocupações e vivências da espacialidade da feira, que encontramos os tais gestos de resistência.

Mesmo antes da situação de crise mundial que norteia as reflexões que abordaremos aqui, já era notável as habilidades daqueles que fazem a feira para se reinventar, como tática de resistência, refletindo o tempo todo nas ações tomadas, principalmente por esses que fazem parte da dinâmica da feira e estão construindo e reconstruindo o espaço e os modos de apropriação todos os dias, na vivência cotidiana.

Essas “táticas de resistência”, termo utilizado por Certeau (2014), estabelecem apropriações e usos do espaço, supondo o conceito estabelecido de tática, em que não se faz tentativas de enfrentar o dominante de frente, mas de preencher suas necessidades em forma ágil e esperta para a sobrevivência. Nesse sentido, tendo o espaço habitual, de certa forma, comprometido pela pandemia – o espaço vivo, a rua, o palpável – foi preciso se utilizar dessas táticas e se apropriar de outros espaços, dentro dos obstáculos mandatórios, desse novo contexto. Partimos aqui da compreensão de que esse deslocamento, da esfera da feira para novos espaços, pode ser pensado como oportunidade para manter suas dinâmicas vivas, apesar das adversidades.

Para Habermas (2014), o espaço público refere-se à geografia da esfera pública, isto é, ao lugar em que as pessoas se reúnem para dar voz e discutir assuntos de interesse público. Com o advento da internet e a evolução das tecnologias, o conceito de espaço referente à esfera pública acabou por se modificar e expandir-se aos espaços virtuais, assim configurando-se também como um espaço público. Isso porque, com esses espaços, viabilizou-se diferentes possibilidades de diálogos e registros, e não apenas de uma maneira passiva, já que esse espaço, ao menos teoricamente, possibilita que esses atores sociais estejam ativamente contando suas próprias histórias.

Dessa forma, então, se, por um lado, essas novas práticas expandem as possibilidades de ocupar o espaço público pelos praticantes das feiras, por outro lado, se tornam novos conteúdos para pesquisadores que se debruçam sobre os espaços de uso popular nas cidades. Assim, quando o trabalho de campo, *in locus*, se tornou impossibilitado em razão, tanto das situações de segurança quanto de saúde pública, coube a nós, enquanto pesquisadores, nos adaptar às condições impostas e procurar novas abordagens. No caso do Nordeste, para dar continuidade às pesquisas sobre as feiras livres, a netnografia e a

análise dos conteúdos produzidos pelos feirantes, através da antropologia visual, se mostraram caminhos bastante férteis.

EXPERIMENTANDO A FEIRA LIVRE A PARTIR DO ESPAÇO VIRTUAL

A netnografia é uma abordagem cultural para pesquisas online sob os pressupostos da etnografia. Kozinets (2014) afirma que a netnografia “utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica”, o que permite, por exemplo, a continuidade da observação virtual dos comportamentos e rituais da formação diária do espaço da feira e suas construções

intercambiáveis entre corpo e espaço. Isso pode se dar a partir de objetos de análise, como os documentários produzidos sobre as feiras alagoanas, os vídeos produzidos e disponibilizados pelo grupo de pesquisa Nordestanças e os vídeos disponibilizados por feirantes e consumidores na plataforma Youtube.

Nesse contexto, a antropologia visual é um dos ramos da antropologia cultural, focada no estudo e produção de imagens, que permite ao pesquisador fazer uma observação do real pela imagem, visando retratar comportamentos, atitudes e estilos de vida do universo visual e material das pessoas (BITTENCOURT, 1994). Nela, a etnografia é um método utilizado na exploração, coleta e análise dados, sendo um registro descritivo da cultura material de um povo, possuindo como base, principalmente, o trabalho de campo. O registro etnográfico através das imagens também é fonte para a preservação dos fatos ocorridos na história, especialmente sobre a memória cultural de um povo (BURKE, 2017), assim como constata Bittencourt (1994), revelando que as imagens capturam a essência do tempo, ao enquadrar um fato específico ocorrido em determinado momento, e traz de volta a imagem de faces, lugares, coisas, memórias, fatos históricos e sociais.

Em relação ao acesso tecnológico nos dias atuais e sua contribuição para as buscas de materiais, é interessante observar o que Ribeiro (2012) trata sobre as tecnologias digitais e os computadores diante das novas perspectivas de investigação, pois ao navegar na internet, é possível nos depararmos com registros realizados por diversas pessoas e de várias localidades do estado, do país ou do mundo. O material online coletado pode se tornar parte das pesquisas, gerando produtos culturais e científicos para grandes públicos, sem necessariamente ter essa intencionalidade como objetivo final, quando seus participantes os divulgam em sites e plataformas que, agora, podem estar ao alcance de milhares de usuários.

A exemplo disso, durante a execução de pesquisa exploratória en-

quanto metodologia, foi possível encontrar materiais relevantes sobre as feiras livres no estado de Alagoas. Desde produções mais elaboradas, como os documentários encontrados no site Alagoar em sua publicação “A Janela do Audiovisual Alagoano” (2021), vide tabela 1, a produções de vídeos amadores sobre as feiras alagoanas no Youtube. A relevância do material recolhido no site, para a pesquisa, se dá na dinamicidade dos temas tratados e no seu enfoque nas relações entre transeuntes e espaços, pensando em feiras que hoje não existem mais, visto que são espaços em constante metamorfose. Desse modo, todos os materiais encontrados são extremamente importantes na contribuição de algumas reflexões e análises do espaço da feira, agindo, portanto, de forma complementar e enriquecedora ao conhecimento prévio da feira pré-pandemia. Assim, como resultado tomamos conhecimento de pontos de vistas de terceiros sobre feiras que já vínhamos pesquisando.

Tabela 1 - Filmes encontrados no site Alagoar.

Fonte: Autoral (2022)

Documentários disponíveis		
Nome/Ano/Duração	Diretora/Diretor	Descrição
A feira do Passarinho (1975) - 18min5s	Celso Brandão	Mostra a região do Mercado Público de Maceió, com foco na feira de comercialização de aves
A feira de São Miguel dos Campos (1976) - 14min	Celso Brandão	Mostra uma feira realizada embaixo da ponte do rio São Miguel realizada às vésperas da Semana Santa
A Última Feira (2005) - 21min	Hermano Figueiredo	Registra literalmente o último dia de feira no centro de Arapiraca
Fim da Linha (2013) - 11min	Charles Northrup	Conta a história dos últimos momentos da Feira do Passarinho
Segunda Feira (2016) - 12min22s	Olga Francino, Iasmyn Sales, João Marcos Alves, Camila Alves e Leandro Alves	Relata a mudança nas dinâmicas das segundas-feiras na Feira de Arapiraca
Feirinha (2019) - 13min13s	Maysa Reis	Retrata principalmente a presença de mulheres na feirinha do bairro Jacintinho, em Maceió

²Vídeo disponível em: <https://alagoar.com.br/a-ultima-feira/>

Como a frase de abertura do filme *A Última Feira*², de Hermano Figueiredo, diz que a feira de Arapiraca “não se trata de uma feira que se estabeleceu numa cidade, mas de uma cidade que se formou em torno de uma feira”, colocando a centralidade simbólica do espaço da cidade na construção histórica da feira livre. O filme permanece com uma visão geral da feira e só depois introduz algumas personagens, como Zé da Sinuca –destacando a importância do uso dos apelidos nesse espaço que, não surge unicamente da intimidade e, por vezes, a dispensa. Os apelidos são marcadores de uma personalidade costurada no trabalho, são facilitadores de comunicação entre as relações feirante-feirante e feirante-freguês: “Se falar Zé da Sinuca, todo mundo aqui conhece” ele diz e, logo em seguida, sinaliza que há muito tempo os comerciantes vêm sofrendo com os constantes deslocamentos, e que há dificuldade tanto de feirantes quanto de fregueses de se adaptarem às diversas mudanças impostas pela prefeitura.

Figura 1 - Still de vídeo do filme A Última Feira
Fonte: Alagoar (2021)



A Última Feira se empenha em relatar o fim daquela feira, pois haverá outra realocação, deixando instalado um sentimento de saudade do local e dos feirantes das barracas vizinhas, que podem vir a se separar com a mudança espacial. Sendo assim, o filme é feliz em relatar as impressões de quem vivencia esse espaço, como um comerciante que não se identificou, mas que mostrava o processo de empacotamento das coisas para a mudança ao local da nova feira, enquanto contava que, provavelmente, haveria desemprego, uma vez que nem todo mundo conseguiria acompanhar todas as mudanças, que estavam saindo praticamente contra suas vontades. É interessante observar, em sua fala, uma certa descrença e indignação ao narrar o questionamento que o prefeito fez a feirantes que trabalham há mais de 30 anos: “você sabe o que é uma feira?”. O homem olha para o entrevistador e devolve com outro pensamento: “Se alguém que há tanto tempo trabalha na feira não sabe o que é uma feira, não há quem saiba. Nós (feirantes) é que estamos no dia a dia trabalhando, nós que sabemos quais melhorias precisam ser feitas”. Uma outra comerciante adverte que, após a feira acabar, haverá uma sensação de vazio naquela parte da cidade, uma vez que o espaço é bastante movimentado, principalmente pela feira.

No processo de imersão nos documentários e nos vídeos cotidianos disponíveis no Youtube, foi perceptível grandes diferenças nos dois tipos de produção, não apenas no formato, uma vez que os documentários, apesar de fazerem uso de um tipo específico de linguagem audiovisual, utilizam do cotidiano para propor pensamentos sobre uma determinada temática. É justamente na liberdade do registro dos vídeos, aqui chamados “amadores” ou “registros diários”, – em que todas as coisas podem significar alguma ou nenhuma coisa, onde tudo é registrável e independente ao tema – que se encontra o exercício não espetacular do cotidiano, como teorizado no conceito de “errâncias

urbanas” endidas a partir dos registros.

³Vídeo disponível em:
[https://www.youtube.com/
watch?v=KyTpU6sfuMc](https://www.youtube.com/watch?v=KyTpU6sfuMc)

No vídeo “Feira de Delmiro Gouveia Alagoas”³, publicado pelo canal Davi Barbosa Santos, em 12 de dezembro de 2020, uma criança mostra sua família indo visitar a feira homônima. Ao chegar no local, com muitos cocos no chão, a criança sugere tomar água de coco e a família se empolga. No momento que adentram na feira, a família passa a utilizar máscaras, em decorrência das restrições sanitárias do momento. Alguns feirantes comentam ao fundo a impossibilidade de tossir/espurrar no local pelo medo que pode gerar nas pessoas de contrair o vírus. O pai da criança mostra frutas, comentando o tamanho da feira, cumprimentando outros transeuntes que passam e, por vezes, se trombam durante o caminhar. Mostra, ainda, que algumas barracas passaram a vender máscaras. A família encontra e aponta pessoas conhecidas e familiares, e as cumprimentam, mostrando que a feira, além de tudo, é um lugar de socialização, onde é possível não só conhecer pessoas novas, mas, também, reencontrar amigos antigos. No fundo há pessoas conversando, músicas tocando, feirantes anunciando seus produtos, dentre outros eventos.

A partir da continuidade do vídeo, podemos perceber que a feira é uma mistura é uma mistura sobreposta de sons, que os ajudam, inclusive, a se localizar no espaço. A família segue para o açougue, passa pelos cereais, carnes e chegam na parte dos peixes, denunciada pelo cheiro forte. A criança toca num dos peixes, a vendedora sugere uma receita e o menino sente cheiro de ovo vindo do camarão. Logo depois, eles encontram uma loja de variedades e há muito toque quando vão observar os produtos, para avaliar peso, textura, material. Na loja seguinte, encontram a nostalgia das bolas de gude, dos peões e o pai questiona se os filhos se lembram ou conhecem aqueles objetos. Sem necessariamente responder a um roteiro prévio, o caminhar pela feira que se percebe no vídeo, nos chama atenção para diversas camadas da experiência de praticar esse ambiente.

Logo de início, a relação entre o consumo dos produtos e sua disponibilidade imediata é uma das características fundamentais do modo de comércio feirante. Em muitos casos é justamente o fato de o produto estar ao alcance das mãos (mas, também, de narizes, ouvidos e, muitas vezes, da boca), que amplia a venda - sendo o cheiro do tempero, a cor da verdura ou o gosto da fruta, sua própria vitrine e propaganda. Por outro lado, a maneira quase imediata como os produtos aparecem no espaço - tais quais as máscaras durante a pandemia - revelam a dinamicidade e vinculação das feiras com as dinâmicas sociais.

Figura 2 - Frame do vídeo Feira de Delmiro Gouveia Alagoas
Fonte: Autoral (2023)



⁴Vídeo disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=pVCSGX5KU4g>

Em “Mercado público e Feira livre de Delmiro Gouveia’Al”⁴, publicado pelo canal Adriano Bahia, em 27 de abril de 2019, é interessante observar que em alguns momentos as pessoas que estão passando pelas barracas olham com desconfiança para o homem que filma, como a presença de um objeto que capta e eterniza momentos pode ser incômoda ou simplesmente surpresa para algumas pessoas, fazendo do homem-câmera, um corpo-estranho. No entanto, o homem segue a filmagem e registra os momentos em que encontra conhecidos, conversa com feirantes e pede para mandar abraço para seus familiares pela câmera. No minuto 7’11” do vídeo, há uma fala do homem-câmera que diz “no sul do país as pessoas têm tudo, inclusive a solidão por saberem que não estão no seu Nordeste (...) a falta de oportunidade faz com que as pessoas vão embora. Quem queria estar longe daqui? Ninguém queria não”, e o faz se referindo aos conhecidos que deixaram suas cidades natal para morar em outros lugares. O estranhamento quanto à filmagem é aqui um dos pontos importantes que rebatem em questionamentos sobre nossas metodologias de pesquisa. Ainda que tratemos com cuidado as experiências de aproximação com os espaços, é quase natural, para pesquisadores, o ato de fotografar e filmar enquanto desenvolvem suas pesquisas. Interpelar e questionar esse ato, muitas vezes, abre novas maneiras de pensar o campo presencial e a implicação dos nossos corpos-pesquisadores em nossas práticas.

Figura 3 - Frame do vídeo Feira de Delmiro Gouveia Alagoas
Fonte: Autoral (2023)



⁵Vídeo disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=k6WGphCcXn8>

Publicado em 12 de agosto de 2021, “Feira de Maragogi-AL”⁵ traz Adriana Costa mostrando a feira para uma espectadora de seu canal que, segundo ela, pediu para que filmasse para “matar a saudade”. Sendo assim, ela começa mostrando o início da feira, cumprimentando as pessoas e desviando de outras. Diz que houve uma mudança na conformação espacial da feira, onde, na rua à sua direita, antes era um “braço” da feira, apenas com roupas e calçados, agora essas barracas foram realocadas para dentro da feira, ficando no início dela, do lado de uma lotérica (sendo assim, há a casa lotérica como ponto de referência para o local onde a feira começa). No caminhar, as pessoas a observam carregar a câmera/celular, estranhando o movimento, a invasão de suas privacidades e o uso de suas imagens materiais. Nesse mesmo momento, há dois homens de máscaras usando camisas azuis que carregam o título “fiscal da feira”, os quais também observam o fato de estarem sendo observados e fiscalizados por uma câmera. O corredor começa a se estreitar e mais barracas vão surgindo e, com o Sol, muitas pessoas se aninham embaixo das barracas em busca da sombra projetada pelos toldos que as cobrem, quase como um segundo céu. No fim da feira das roupas, a câmera vira à direita e relata que, a partir dali, fica definido o espaço para os lanches da feira, sinaliza que está indo para a feira da banana, como a espectadora sugeriu que ela fosse, mas no caminho encontra seu cunhado Mané e sua cunhada Zefinha, que vende lanches no local. A feira da banana é marcada com toldos amarelos e azuis, as bananas ficam no chão e nas barracas. Observa-se, na fala, os nomes dados às seções da feira, quase como se houvesse diversas feiras dentro de uma feira principal. Ao final ela diz que vai fazer a volta por uma outra rua, voltando para o corredor onde começou a filmar e finaliza dizendo que fica feliz com as mudanças, pois tudo ficou mais organizado.

Figura 4 - Frame do vídeo
 Feira de Maragogi - AL
 Fonte: Autoral (2023)



O conjunto aqui apresentado, como um recorte dentro do acervo de vídeos que acessamos ao longo da pesquisa, nos permite inferir a potencialidade de analisar essas imagens “autoproduzidas” como meio de elencar dinâmicas da territorialidade das feiras livres. Realizados de modo espontâneo e com motivações diversas, os vídeos têm por característica percorrer o espaço, interagir com ele e com as pessoas que o fazem. Em certa medida, esses são também os modos de acesso que preconizamos em nossas metodologias acadêmicas, marcadas por errâncias, entrevistas e registros. Se por um lado, ao assistirmos aos vídeos, o nosso corpo não percorre diretamente os espaços e nem é ele que escolhe os percursos, por outro, ao nos determos um pouco mais nesses registros, que permitem ver, rever, aplicar zoom, recortar e pausar, há outras possibilidades analíticas abertas. Além disso, é certo que as imagens, sons e movimentos emulam em nosso corpo as experiências vivenciadas fisicamente, além de se fazerem pontes de acesso a memórias corporificadas em outras etapas de pesquisa.

PERMEIO: CORPOS, CIDADE E VIRTUALIDADE

Através das análises dos vídeos levantados, buscou-se descrever as impressões, sempre tentando identificar a interação e o vínculo social entre os sujeitos ali dispostos, como a troca ali ocorrida, entre quem está comunicando e selecionando, as imagens, as falas e sensações que são possíveis de verificar através da troca de valores e bens simbólicos e a transformação dos elementos envolvidos no processo, ainda que as impressões obtidas sejam através das impressões dos sujeitos que a produziram em primeira instância, o processo desenvolvido neste estudo trata-se quase de uma análise de uma corpografia digital guiada pelas percepções encontradas no outro. Levando ao entendimento do corpo como elemento focal para a constituição desses registros, observando que os corpos atuam diretamente no processo

de significação e constituição de identidades sociais individuais e coletivas.

Sendo, então, a corpografia uma das maneiras principais que permitem meios para que as feiras persistam, de quais táticas se utilizam e de que maneira assumem um corpo - que ao passo que tem uma particularidade de conformação e expressão espacial, um corpo disforme e conforme, que só pode existir em si e a partir de si - deixa suas marcas corpografadas⁶ nas cidades e em quem as vivencia. A partir da imagem corporificada, da corpografia urbana e da persistência urbana, foi possível traçar caminhos que conversassem com a representação real do imaginário das feiras populares alagoanas, guiando os principais debates acerca do tema. Assim, deixa claro que as representações do imaginário da feira passam por diversos lugares, fazendo parte da identidade dos lugares e dos sujeitos que o atravessam.

Segundo as autoras Britto e Jacques (2008), o estudo dos padrões corporais leva à leitura do espaço que esse corpo habita. Desse modo, compreendemos que as ações articuladas no ambiente da feira evidenciam a relação entre corpo e cidade, assim, o entendimento do corpo como elemento comunicacional nos vídeos analisados nos ajudam a compreender e documentar as feiras e a memória inscrita no que nela se atravessa cotidianamente. Essa análise, ainda que digital, possibilita a observação de micropolíticas, uma resistência dos atores desse espaço que insistem e persistem para não desaparecer.

O material gerado através da nossa pesquisa e suas respectivas análises foi disponibilizado no site, "O permeio"⁷, projeto-produto, que surge das aproximações entre as temáticas corpográficas e imagéticas, uma travessia [áudio]visual sobre olhares e narrativas das feiras alagoanas. Tudo isso tem como aspiração a democratização das informações sobre as feiras, bem como estimular um maior conhecimento sobre elas, através dos materiais autorais de todo o Grupo de Pesquisareunido durante os anos de existência, como uma busca pela documentação das experimentações acerca da (re)construção das feiras alagoanas transpostas em um formato digital, que objetiva uma imersão em memórias, narrativas, territórios insurgentes, que sobrevivem, que se deformam e se remontam.

"O Permeio" foi uma iniciativa dos bolsistas, graduandos do curso de Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). As fotografias, vídeos e áudios compartilhados no site pertencem, em sua maioria, ao acervo do Grupo de Pesquisa, sendo referenciados se adquiridas por outra fonte além desta.

O site tem como intuito estimular um maior conhecimento sobre as

⁶Neologismo advindo do termo "Corpografia" cunhado por Jacques (2008)

⁷Site disponível através do link: <https://opermeio.blogspot.com>

feiras através dos materiais autorais de todo o Grupo reunido durante seus anos de existência, sendo um experimento inicial para os novos rumos que o projeto das feiras terá futuramente. Ademais, enquanto pesquisadores e designers inseridos na temática aqui discutida, destaca-se a contribuição do design à questão e sua habilidade de organizar informações de diferentes instâncias com o intuito de visibilizar questões locais. Visando a importância da divulgação dos resultados obtidos na pesquisa através de uma plataforma, para reunir e facilitar o acesso a um acervo digital das feiras alagoanas que, apesar de todos os entraves, persistem.

Buscando entender o espaço proporcionado pela internet como um complemento ao espaço físico, o site surgiu como um pontapé inicial de uma primeira iniciativa tomada, ainda que como uma experimentação, advinda de um trabalho de pesquisa e iniciação científica. Porém, a partir dele, já foi possível levantar questionamentos a respeito do desempenho, ou até mesmo do êxito, do percurso e alcance das informações que são dispostas na internet, nos levando a indagações sobre as fissuras encontradas no percurso da ocupação desse espaço público virtual, principalmente no que se refere aos obstáculos visados para se conseguir atingir os usuários da rede.

Ocupar o espaço público digital torna-se necessário também para retomar a visibilidade para assuntos de interesses da comunidade e evitar que caiam no esquecimento, além de tentar impedir que esses espaços beneficiem apenas os interesses privados. O acesso à informação, na nossa sociedade globalizada, tem se tornado, a cada dia, um passo essencial para a ampliação dos espaços de participação ativa da sociedade, traçando uma linha de discussão pela ideia de visibilizar os assuntos relacionados à cultura marginalizada, para que possam desenvolver discussões e debates aprofundados sobre as reais questões que a permeiam. É válido destacar, ainda, que, juntamente a esses pontos positivos citados, no que convém o uso do digital como ampliação da capacidade de produzir, reproduzir e compartilhar, como trata-se de um espaço cuja estrutura e performance se modificam com a mesma velocidade em que surgem, tornando sua compreensão total complexa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o advento das novas tecnologias digitais empreendeu grandes transformações na forma como se processam as relações espaços-temporais. Se antes era necessário que o corpo gastasse uma quantidade de tempo para se deslocar de um ponto a outro, hoje ele desafia as leis da física e consegue se fazer presente, de forma remota, em duas ou mais localidades simultaneamente através das telas do computador. Mas ao mesmo tempo que essas novas

virtuais possibilitam que o corpo se expanda para lugares nunca imaginados, elas também limitam a experiência corporal das cidades por não possibilitar o contato físico com o conjunto de processos interativos que atravessam a vida cotidiana.

Refletindo sobre essas contradições, propomos, com este trabalho, que caberia em trabalhos futuros problematizar os tensionamentos estabelecidos entre corpo, ciberespaço e cidade, tendo como mote o olhar estrangeiro da feira, abordando as implicações entre os meios digitais sobre as novas fronteiras postas à experimentação da cidade. Buscamos avaliar as potencialidades e/ou fragilidades que as ferramentas digitais oferecem às formas de pesquisa que envolvem a corporalidade, utilizando as práticas de deriva virtual, buscando perceber de que maneira a feira que se desconhece se mescla a que se conhece, percebendo, nesse processo, como dispositivos de poder, como o Google Street View, influenciam nessa percepção, acentuando e/ou esmaecendo micropolíticas do corpo-espaço na feira.

A partir dessa experiência virtual, a pesquisa se justifica através das possibilidades de desenvolver outros olhares. Um olhar mais distante, limitado pelos sentidos da visão e imaginação, mas atento aos detalhes, formas e gambiarras. Um olhar que observa a paisagem de fora, não vê rostos ou sente cheiros, mas é direcionado pelos elementos que se destacam ao percorrer o espaço. O que se perde e o que se ganha na prática de errância virtual? Que outras perspectivas de apreensão das escalas, da imagem estática e do não-movimento da feira surgem a partir dessa imersão? Estas reflexões, oriundas das adaptações empreendidas a partir das novas metodologias incorporadas à pesquisa, estão sendo atualmente submetidas a debates no Grupo de Pesquisa, para o desenvolvimento de plataformas de compartilhamento reflexivo dos resultados do projeto, na plataforma em desenvolvimento intitulada “Xepa Interativa”.

Por fim, ao mesmo tempo que esses avanços tecnológicos facilitam a visibilidade de assuntos postos à margem, a complexidade do processo torna necessário a existência de mediações que articulem a inclusão da coletividade nesses espaços. Estamos diante de novos meios sociais que ainda necessitam de maiores estudos em relação aos seus impactos sociais, bem como sobre a sua utilização para uma horizontalidade participativa dos cidadãos. De todo modo, as novas tecnologias não devem ser descartadas, é preciso que a feira seja vista, seja lembrada e seja discutida, para que a população tenha um real entendimento das questões cotidianas: as tensões vividas, as belezas do local e das atividades da feira. Assim, portanto, a pesquisa corrobora para a importância do protagonismo dos feirantes e suas narrativas sobre a feira para construir e registrar a história oral e compreender suas dinâmicas sociais.

REFERÊNCIAS

ALAGOAR: A Janela do Audiovisual alagoano, 2021. Disponível em: <https://alagoar.com.br>. Acesso em: 7 jul. 2023.

BITTENCOURT, Luciana. A fotografia como instrumento etnográfico. **Anuário antropológico**, v. 17, n. 1, p. 225-241, 1994.

BRITTO, Fabiana; JACQUES, Paola. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU/UFBA**, [S. l.], v. 7, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acesso em: 7 jul. 2023.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: UNESP, 2017.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

DIAS, J. M. M.; RIBEIRO, A. L. C.; OLIVEIRA, C. G.; SANTOS, L. C.; OLIVEIRA, M. M.; BARBOSA, N. F.; SANTOS, W. V. . Desaglomerar as feiras?. In: DIAS, Juliana Michaello Macêdo; OLIVEIRA, Roseline Santos. (Org.). **Corpos, casas, cidades e tempos de pandemia**. Maceió: Edufal, 2021, v. 1, p. 108-119.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. São Paulo: Unesp, 2014.

JACQUES, Paola. Elogio aos errantes. Breve histórico das errâncias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 05, n. 053.04, out. 2004. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>. Acesso em: 7 jul. 2023.

JACQUES, Paola. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, fev. 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 7 jul. 2023.

KOZINETS, Robert. **Netnografia**: Realizando Pesquisa Etnográfica Online. Porto Alegre: Penso, 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Novas tecnologias para ler e escrever**: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

SATO, Leny. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & sociedade**, v. 19, n. SPE, p. 95-102, 2007.